

PASTA 7 / 1985 / DANÇAS / COLECÇÃO J.N.BRETÃO

LAMENTOS DO POVO

Argumento para dança do Carnaval, Por; António Mendes

Saudação

Mestre

Bem há pouco aqui estivemos
E alegria vos trouxemos,
Mas um decorreu.
Eis nos aqui novamente
P'ra animar toda esta gente
Que um sorriso já nos deu.

Todos

Carnaval é mesmo assim;
Traz-nos folguedos sem fim;
São três dias divertidos,
E o vigor da mocidade,
P'ra matar uma saudade.
Faz-nos aqui reunidos.

Mestre

O Carnaval na Terceira
Tem sempre a mesma maneira
Na graça dos seus folguedos.
Qualquer assunto abordado
Em alto som é tratado,
Por deixar de haver segredos.

Todos

Pois é no quotidiano,
Mais sagrado ou mais profano,
Que assenta a nossa acção,
Criticando o que está mal
Que é quase tudo afinal,
Na nossa imaginação.

Mestre

Nosso modo de pensar,
Sem querer exagerar,
Toda a imprudência repele.
E, com piada de bobo.
Diz-se; - Quem não quer ser lobo
Também não lhe veste a pele.

Todos

Criticar até faz bem
P'ra alertar quem culpas tem
A mudança de atitudes.
Só aquele que se corrige,
Por ouvir quanto se exige,
É portador de virtudes.

ALUSÃO AO TEMA

Mestre

O tema hoje abordado
Não está bem definido;
É um tanto variado;
Tem mais do que um sentido.

Todos

P'ra não maçar a assistência
Nem os que são atingidos,
Vamos agir com prudência
Sem deturpar os sentidos

Mestre

Tudo quanto aqui foi dito
Nada vos trará de novo;
Tem bases no que está escrito
Nessa história do povo.

Todos

Nesta correria louca
De mandos sem competência,
Não se cale a nossa boca
Apelando à consciência

.....

O pároco da freguesia, procura reunir à sua volta elementos da Comissão Paroquial, perante os quais mostra a sua autoridade, falando sobre a Reconstrução da igreja.

Padre

E assim abro esta sessão
P'ra que toda a gente veja
Que é urgente a reconstrução
Da nossa bonita igreja.
Eu sei que há divergência
Nas vossas opiniões,
Mas não admito mandões.
Manda quem tem competência.
Eu sei que a democracia
Nestas coisas da asneira.
Se fosse assim tudo queria
Fazer à sua maneira.
Eu cá percebo de missa.
E vocês de ordenhar vacas.

Chico

E para andar à derriça
Dumas valentes patacas...

Padre

Você não seja atrevido
P'ra não ser escomungado.

Chico

Estava eu bem servido
Se tudo fosse pecado.
Mas eu não vou na cantiga.
Se não sirvo p'ra mandar.
Não passo sem que lhe diga;
Já dei o que tinha a dar.

Padre

Você além do que deu
Dará mais e mais, senão
Quando for p'ra o jubileu
Não lhe deito a absolvição.

Chico

Para mim é indiferente
Porque eu vivo bem contente
Com a benção do sacristão.

Padre

Estás a encher-me as medidas!...
Vê lá se tomas cuidado.
Ó meu Deus. Estou tramado
Com estas línguas atrevidas!

Chico

Acha que sou malcriado
Por afirmar a verdade!
Sou muito mais aplicado
Nas coisas da cristandade.
E o senhor anda sumido
Pelo memos à segunda-feira.
Está o povo bem servido
Com padres dessa maneira.
Às tantas temos de ter
Já em casa os sacramentos
P'ra dar aos que vão morrer
Cheios de maus pensamentos...

Padre

Cometeu um sacrilégio
Falando dessa maneira.

Chico

Não será um privilégio
Por combater tanta asneira!

Ratão

Asneira é cá comigo.
Porque é que serro por baixa.
Já quis subir não consigo.
Desiludido me acho.
Se eu tivesse estudado
Também estava amanhado,
Agarradinho ao meu tacho.

CORO

Porque nem tudo vai bem
Nossa boca não se cala.
Eis porque a gente aqui vem
E com certo humor badala.
É preciso olhinho aberto,
P'ra não deixar ir no bote
Porque aquele que é mais esperto
Passa os outros de capote.

Tia Rosa

No tempo que me criei
Não me dava que falar.
Até às vezes não sei
Onde é que isto vai parar.
Ora, eu sempre fui branquinha
E até muito perfeita,
E havia gente que tinha
Inveja de eu ser bem feita
Os moços todos me queriam;
Pasmavam quando me viam
De olho azul, cabelo loiro...
Quando eu passava, diziam,
- Ai quem visse a Rosa em coiro!
Mas tratava-se muito sério,
Que eles não mexiam na gente.
Pois a honra era um mistério
Para os homens de antigamente.
Mas estes maraus de agora,
Estas caras sem vergonha,
Fazem figura medonha.
Que era dar-lhe p'la cara fora.
Já não sabem esperar
E, porque a vergonha é pouca,
Lá resolvem a casar
Já com a barriga à boca.
Pois até a minha neta,
Que é perfeita como é dado,
Deixou que um preto – um pateta
A pusesse noutra estado.
Mas Deus não vai permitir
Que isso acabe como é dado,
Que eu morro se um dia vir

Um bisneto enfarruscado.

Padre

Tia Rosa, porque está
Para aí barafustando?

Tia Rosa

Pois não é lá por ser má,
É p'ra ir desabafando.
Senhor padre os homens são
Causadores de má figura.
Por causa da reconstrução
Vai haver muita mistura.

Padre

Mas mistura em que sentido?
Não estou a perceber...

Tia Rosa

É que um preto, atrevido
Minha neta anda a....

Padre

Mas anda o quê, tia Rosa?
Explique-se que estou aflito.

Tia Rosa

Eu até estou nervosa
Por causa daquele maldito.

Padre

Se é o que estou a pensar.
Há-de nascer, finalmente.

Tia Rosa

Mas eu não quero enxergar
Um preto na minha frente!...

Padre

Tia Rosa, isso é racismo
E também falta de amor.
Segundo o cristianismo,
Não se olha a raça nem a cor.

Tia Rosa

Mas eu não quero saber
Dessa sua teoria.
O preto não vai nascer.
Mas se nascer algum dia,
Eu juro por quanto fés
Usa o povo quando clama.
Que pego nele p'los pés

E zás--- na barra da cama.

Ratão

Eu cá tenho muito dó
Da tia Rosa, coitada.
Visto a neta estar só
Para o preto inclinada.
Mas há mais com esta tendência.
Será questão de experiência
P'ra ver se a fruta é mais grada?

CORO

Tia Chica

Senhor padre , eu recebi
Da América umas roupinhas
Da minha prima Iraci.
Que são muito boazinhas.
Veio uma saia rachada,
Assim um tanto amarela,
Que é de fazenda asseada
E eu gosto muito dela,
Mas eu pus-me a olhar p'ra a racha.
Que me chega aqui p'ra cima.
Diga-me o senhor se acha
Que eu use a saia da prima.

Padre

Tia Chica, com este frio
E ainda de racha aberta!
Até dá um arrepio
E a constipação é certa.

Tia Chica

Pois se vê que é pecado
Diga-me que eu fecho a racha.

Padre

Se a moda pagasse taxa
Nem tudo andava rachado.
Mas se fosse a condenar
Quem anda de racha aberta.
O inferno ia ficar
A transbordar pela certa.
Atendendo à sua idade,
A racha não fica bem.
Olhe, faça caridade,
Dando essa saia a alguém.

Tia Chica

Isso não. Antes fechar
A racha da minha prima,

Que eu a saia quero usar
Mandada com muita estima.

Padre

Eu por mim dei um conselho,
Porque o pudor nos alerta
P'ra que acima do joelho
A perna ande coberta.

Tia Chica

Era bom que assim fosse,
Mas há dias vi um moço
Com a filha da Rita Doce
Descalça até ao pescoço.

Padre

Misericórdia, tia Chica!
O mundo está indecente.

Tia Chica

Esta mocidade goza
Que até causa inveja à gente.
E a filha do José Bisoiro
Me disse ali na cancela,
Que a mãe Eva andava em coiro
E não falava mal dela.

Padre

Por fim ela se cobriu
Com uma folha de figueira.

Tia Chica (rindo)

Mas o Adão se divertiu
Com aquela brincadeira...

Ratão

Acho que a moda está certa
E que o trajar não é mau,
E quem usa a racha aberta
Não considero marau;
Aviva mais o amor;
Não deixa criar bolor
Dando fresco ao bacalhau.

CORO

Manel

Ó compadre, isto está mau.
Não se pode estar doente.
P'lo que fazem com a gente
Apetece é a dar pau.
Há dias eu fui ao banco

Com ameaças de um mal,
Esperei tanto, tanto, tanto,
Que nem parecia hospital,
Até que alguém perguntou
Quem é que estava pior,
Mas quando o doutor chegou
Eu já estava melhor.

Francisco

Também fui lá outro dia.
No carro do Traquilino,
Com a minha filha Maria.
Que estava para menino,
Mas eu vi a coisa feia...
Pus-me de olho bem aberto,
Porque a sala estava cheia
E a coisa estava p'ra perto.
Dei p'ra ali muito à tramela
A ver se alguém me escutava,
Mas quando andaram com ela
A criança já cantava.

Manel

E a minha mulher, coitada!...
Na Caixa de Previdência
Esteve quase desmaiada,
Por perder a paciência.
Era uma bicha comprida
Que até chegava cá fora,
E ela não foi atendida
Porque a mandaram embora.
E ainda disse um empregado;
Como a querer fazer richa,
- Tivesse cá pernoitado,
Que estava à frente da bicha.

Francisco

Home, isto é tudo uma crise
E a coisa está muito séria.
Por mais que a gente precise
Só encontra é miséria.
Aumenta o custo de vida;
As pensões não dão para nada,
Mas há gente bem servida.
Com a gamela recheada.

Manel

E é um tal passear!
É almoços, é jantares.
Que é para atrás não ficar
Ao senhor Mário Soares.

Francisco

Noutro tempo se vivia
Com miséria de matar,
Veio a democracia,
Pôs tudo de cú p'ra o ar.

Manel

De cú p'ra o ar eu andei
No tempo da ditadura.

Francisco

E eu cú p'ra o ar fiquei
Com toda esta fartura.

Ratão

Não ponham o cú para o ar,
Numa atitude de rogo.
Que pode haver o azar
De alguém querer fazer fogo,
Ou acontecer então
Que passe aí algum cão
Que se engane e... lá vai fogo.

CORO

Apresentador da TV
Como é habitual
Dia a dia em vossos lares,
Temos o telejornal
Com a Conceição Tavares.

Noticiário

Boa noite, espectadores
Da TV de S. Miguel.
P'ra a Região dos Açores
Eu vou ler o meu papel.
Aumentou a gasolina
O gás e mais o gasóleo,
O queijo e a margarina,
A manteiga e o petróleo.
O açúcar aumentou,
O leite a água e o pão
E até a luz levou
Mais um valente empurrão.
A fruta a carne e o peixe,
Mais caro passou a ser.
Alguém pergunta porque
Tanto aumento e sem dinheiro:
São coisas do PPD
Que puseram no poleiro.
Mas, para animar toda a gente,
Ou os que tristes estão,
O nosso bom Presidente

Vai ir agora ao Japão.
E antes que acabe o bodo,
O nosso governo novo
Vai correr o mundo todo,
Em nome do nosso povo.
O nosso aeroporto
Continua a crescer,
Mesmo embora o “rabo torto”
Já se ande a derreter.
Na Praia o porto oceânico
Há-de ir conforme calhar
Não vale a pena haver pânico
Para a obra não parar.
Quanto aos trabalhadores
Na Base Aérea das Lajes.
Correm para aí uns rumores
De que vão sofrer ultrajes.
Porque América insinua,
Com toda a autoridade,
Que está pronta a pôr na rua
Sem qualquer dó nem piedade,
Embora alguém se levante,
Clamando contra os contratos,
A América está de purgante
Para os nossos sindicatos.
Aos que se queixam da luz,
Lembramos os candeeiros,
Que é bem bom e até reduz
Mais o gasto de dinheiros.
É preciso que a candeia
Volte a usar-se sobre a mesa,
Com azeite de baleia
À antiga portuguesa
Os açoreanos terão
De poupar a energia,
Recordando a tradição
E fazendo economia.
E quanto à guerra dos sexos,
A nossa telenovela
Parece causar reflexos
Na enorme clientela.
Mas não queiram copiar
Os calores de D. Vânia,
Apesar de consentânea
Uma atitude a tomar.
Foi pena aquela boca aberta
Do Nando, que é meio tolo,
Ter deixado a Roberta
A chorar de desconsolo.
É triste deixar com fome
Uma pobre viuvinha,
Que a Juliana é que come

O que era p'ra a Robertinha.
Mas temos um convidado,
O senhor João Tramela,
Que vai ser entrevistado
Sobre esta telenovela.

Pergunta

Gosta da telenovela
E da gente brasileira?

Resposta

Gosto, mas por causa dela
Tenho feito muito asneira.

Pergunta

Asneiras em que sentido?
Sente-se algo incomodado?

Resposta

Fico com o tino perdido
E o organismo alterado.
Sou pessoa adoentada
E sofro do coração.
Vendo aquela pernalhada
Me altera logo a tenção.

Pergunta

Acha que o Nando merecia
Casar com a D. Roberta?

Resposta

Talvez, mas o que ela queria
Não encontra pela certa.
Visto já não ser donzela
E com prática extraordinária,
Só na Junta Pecuária.

Locutora

E agora, como é lógico,
Antes de irdes p'ra o repouso,
O boletim metereológico
P'lo Doutor Verbar Rapouso.

Dr. Verbar

(Usa como painel para indicar a situação no tempo, uma velha)

Senhores telespectadores
Boa noite e atenção
Para a nossa previsão
Do tempo para os Açores.
O tempo da Região
Estava sobre a acção

De um sistema polar
Centrado a norte da Irlanda,
Que veio aqui desta banda
E passou neste lugar,
Mas um sistema frontal
Que estava aqui concentrado,
Originou afinal
O frio que temos passado.
Esta crista anti-ciclónica
Centrada aqui bem a norte,
P'la dimensão astronómica.
Originou vento forte
No grupo ocidental.
Depois o grupo central
Foi um bocado afectado,
Tendo o vento caminhado
Para o grupo oriental.
Este sistema legítimo
Fez que o ar polar marítimo
Afectasse a Região.
Se isto assim funciona,
Originou nesta zona
Forte precipitação.
Quanto à temperatura,
Como se vê na figura,
Subiu ligeiramente,
Porque a pressão atmosférica.
Vinda dos lados da América.
Originou vento quente.
Depois desta explicação.
Ditada da ilha irmã.
Vamos ter a previsão
Do tempo para amanhã.

(Como painel, para a previsão do tempo para o dia seguinte, uma rapariga)

Por isto que aqui se vê,
Que é um sistema frontal.
Para amanhã se prevê
Um valente temporal.
E nesta zona é provável
Que haja também trovoadas.
Que é bem desagradável
Sempre que é exagerada.
Soprará vento do Norte,
Ora fraco, ora forte.
Vindo nesta direcção.
Nesta zona é provável
Que haja tempo variável,
Mas com precipitação
Nesta época chuvosa.
Esta zona é perigosa

P'ra a questão de inundações,
Visto o sistema gerado
O tempo ter alterado
E criado convulsões.
A relação existente
Aqui entre estes dois pontos
Provoca constantemente
Variadíssimos confrontos.
Por mais voltas que se dê
À volta desta figura,
Só à noite se prevê
Que suba a temperatura.
Boa noite.

Ratão

A previsão que se faz
Só acerta, totalmente,
Se der vento por detrás
E der chuva pela frente.
Mas cuidado com a varinha...
Que se ela vai à burquinha,
Em vez de chuva dá gente.

CORO

Final do assunto

CANTIGAS DE DESPEDIDA

Mestre

Dito o que havia a dizer.
Uma crítica aceitamos.
Pois não é fácil prever
O que está p'ra acontecer,
Por isso às vezes falhamos.

Todos

Baseados na experiência
É mais fácil acertar.
Criticar com consciência
Também tem sua ciência,
Na maneira de aceitar.

Mestre

Neste diálogo banal,
Nada foi dito de novo,
Porque isto tudo, afinal,
São coisas do Carnaval
Que estão na alma do povo.

Todos

Olhando as realidades,

Com elas nos divertimos,
Fazendo até amizades
Sem olharmos às idades.
E felizes nos sentimos

Mestre

É agora, ternamente,
Um aceno à assembleia.
Dos Altares, novamente
Um adeus a toda a gente
Que hoje aqui nos rodeia.

Todos

Um adeus dito à partida
É expressão de amizade.
E se faz parte da vida,
É palavra bem sentida
Ditada pela saudade.

CORO FINAL

Até um dia, ó ridente juventude
Sois a magia, que nos fala de virtude.
Que este ano, a vós todo dedicado.
Seja fraterno e humano; seja pois do vosso agrado.

Casa da Cultura da Terceira

Processado em computador por Fátima Oliveira, a partir do documento
existente na Colecção JNB.

Angra do Heroísmo, Maio de 2003.